# LENIN COMO TEÓRICO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**Caio Bugiato**[1]

**Resumo**

Lenin pode ser considerado um teórico das Relações Internacionais, uma vez que suas ideias contidas em livros e artigos, muitos dos quais são de intervenção política em torno e no seio da II Internacional, podem ser lidas em conjunto para pensar uma teoria marxista-leninista da política internacional. Essa é a proposta desse artigo: entender Lenin como um teórico das Relações Internacionais a partir de uma sistematização de suas ideias. O artigo analisa suas reflexões sobre capitalismo, guerra e revolução e sua obra clássica, *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, para então fazer a proposição de uma teoria leniniana para Relações Internacionais.

**Palavras-chave:**
Lenin; capitalismo; imperialismo; Relações Internacionais.

[1]Professor de Ciência Política e Relações Internacionais na UFRRJ e no Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais na UFABC

## Abstract

Lenin can be considered a theoretician of International Relations, since his ideas contained in books and articles, many of which are political interventions around and within the Second International, can be read together to think about a Marxist-Leninist theory of international politics. This is the purpose of this article: to understand Lenin as a theoretician of International Relations based on a systematization of his ideas. The article analyzes his reflections on capitalism, war and revolution and his classic work, *Imperialism, superior phase of capitalism*, in order to propose a Leninist theory of International Relations.



**Keywords**:
Lenin; capitalism; imperialism; International Relations


## Introdução

À época do surgimento das Relações Internacionais como área do conhecimento científico, no período da I Guerra Mundial, intelectuais universitários europeus se propuseram a refletir sobre fenômenos internacionais e sobre as relações entre países para explicar a guerra e paz. De um lado os teóricos do Realismo viam as relações internacionais como um eterno conflito, em um ambiente anárquico, em que Estados poderosos buscam manter ou alterar as relações de poder, dando assim origem a períodos de equilíbrio e desequilíbrio no sistema internacional. De outro lado os teóricos do Idealismo Liberal avaliavam que os conflitos no sistema internacional poderiam ser resolvidos com aprofundamento do comércio, da cooperação e de formação de instituições democráticas entre nações, construindo relações interdependentes e então uma paz de prosperidade geral.

Vladimir Ilitch Ulianov, conhecido como Lenin, um dos principais líderes da Revolução Russa de 1917, foi também um desses intelectuais, mas de fora da universidade e no interior do movimento dos trabalhadores europeus. Ainda que se aproxime dos realistas, Lenin considera o modo de produção capitalista como um sistema internacional, no qual a acumulação de capital, as lutas de classes e os Estados promovem fenômenos internacionais. Com essa perspectiva

distinta, seus livros e artigos, muitos dos quais são de intervenção política em torno e no seio da II Internacional, podem ser lidos em conjunto para pensar uma teoria marxista-leninista da política internacional. Essa é a proposta desse artigo: entender Lenin como um teórico das Relações Internacionais a partir de uma sistematização de suas ideias. Obviamente não vamos conferir a ele o status de teórico tal qual o daqueles que se propuseram a teorizar sobre as relações internacionais em um momento em que a área científica adquire uma estrutura mais coesa, após a II Guerra Mundial. Pretendemos apenas realizar uma sistematização básica de uma teoria leniniana para as Relações Internacionais.

Realizaremos essa tarefa da seguinte forma. Analisaremos objetivamente livros e artigos de Lenin na primeira seção deste texto. Selecionamos aqueles em que reflexões sobre relações internacionais são mais evidentes: *O chamado problema dos mercados* de 1893, *As novas mudanças econômicas na vida camponesa* de 1893, *Para uma caraterização do romantismo econômico* de 1897, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* de 1899, *A guerra e a social-democracia da Rússia* de 1914, *Pacifismo burguês e pacifismo socialista* de 1914, *O socialismo e guerra* de 1915, *O programa militar da revolução proletária* de 1916, *O imperialismo e a cisão do socialismo* de 1916 e *Sobre o direito das nações à autodeterminação* de 1917. Na segunda seção, uma análise do seu clássico *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*, na qual suas reflexões se encontram mais organizadas em termos de corpo teórico. Por fim a conclusão procura resumir uma teoria leniniana para Relações Internacionais

## 1. Capitalismo, guerra e revolução

Em três artigos da década de 1890 (LENIN, 2012 [1893], 2013d [1893] e 2014d [1897]) e no livro de 1899 *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (LENIN, 1982 [1899], Lenin investiga o desenvolvimento e a expansão do modo de produção capitalista, particularmente para a Rússia. Apoiado nos esquemas de reprodução de Marx, ele mostra que o desenvolvimento capitalista está fundamentado na demanda por meios de produção, inclusive no exterior. Tal demanda converte o mais-valor em capital constante e consequentemente gera a expansão do setor de bens de capital (o departamento I de Marx). Esse processo de ampliação da produção cria novos mercados e leva a produção capitalista para novas regiões. Lenin considera então a tendência ao aumento ilimitado da produção.

> Trata-se de uma verdadeira "produção pela produção", uma ampliação da produção sem uma ampliação correspondente do consumo. Mas esta não é uma contradição teórica: é um contradição da vida real, é precisamente uma contradição que corresponde a própria natureza do capitalismo e às outras contradições desse sistema de economia social, É precisamente essa ampliação da produção sem a respectiva ampliação do consumo que corresponde à missão histórica do capitalismo e à sua estrutura social específica: a primeira consiste em desenvolver as forças produtivas da sociedade e a segunda exclui a massa da população do usufruto das conquistas técnicas (LENIN,1982 [1899], p.25).
>
> O mercado externo é necessário porque a produção capitalista implica na tendência para uma expansão ilimitada, ao contrário de todos os modos de produção antigos, que estavam confinados aos limites da comunidade, da propriedade patriarcal, da tribo, do distrito territorial ou do Estado. Enquanto em todos os antigos regimes econômicos a produção se renovava a cada vez sob a mesma forma e nas mesmas proporções em que se desenvolvera anteriormente, esta renovação é impossível no regime capitalista e o alargamento é ilimitado, o eterno avanço torna-se a lei da produção (LENIN, 2014d [1897], s/p. Tradução nossa).

Essa internacionalização do capital é um processo que indica que o modo de produção capitalista é um sistema expansivo: novos processos produtivos em novas regiões significam desenvolvimento das forças produtivas e criação de novos processos de acumulação, que contribuem para a tendência ao aumento ilimitado da produção. Lenin, portanto, considera a expansão mundial do modo de produção capitalista.

Expansão que é desigual (e combinada): "o desenvolvimento do capitalismo realiza-se de modo extremamente desigual nos diferentes países" (LENIN, 2013a [1917], p. 470). Uma vez que o modo de produção capitalista se encontra avançado, em termos de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção capitalistas, em poucos países, sobretudo na Europa. Tais países "tornaram-se no nosso tempo, depois de 1876 e graças a um capitalismo altamente desenvolvido e 'maduro', os opressores e exploradores da maioria da população e das nações do mundo" (LENIN, 2014a [1915], p. 201. Tradução nossa). Esses

países centrais, ou dominantes, são formações sociais na quais foi possível desenvolver um capitalismo autônomo e um Estado capitalista soberano *de facto*, um processo que está relacionado às lutas de classes locais, como revoluções burguesas e formações de Estados nacionais. A autonomia do modo de produção capitalista ocorreu, a partir da sua origem na Inglaterra, em determinados locais com resistência e assimilação material em relação ao que Lenin chamou de tendência ao aumento ilimitado da produção, a qual carrega em si a exploração e a dominação de outros povos. Nas regiões onde essa oposição foi fraca ou derrotada, revigorou-se a colonização ou se instaurou um modo de produção capitalista dependente e subordinado diante países centrais. Assim é possível compreender que o desenvolvimento desigual do capitalismo cria as condições de países centrais e periféricos.

Os países centrais conhecem o fenômeno do imperialismo, "desenvolvimento do capitalismo nos países avançados" (LENIN, 2014b [1914], p. 53. Tradução nossa).

> O imperialismo é a fase mais elevada do desenvolvimento do capitalismo, uma fase que só chegou no século XX. O capitalismo começou a sentir-se limitado no quadro dos antigos Estados nacionais, sem a formação dos quais não teria sido capaz de derrubar o feudalismo. O capitalismo levou a concentração a tal ponto que ramos inteiros da indústria estão nas mãos de associações patronais, trusts, corporações de capitalistas bilionários, e quase todo o globo está dividido entre estes 'potentados do capital', quer sob a forma de colônias, quer envolvendo países estrangeiros nas densas redes de exploração financeira (LENIN, 2014a [1915], p. 199).

Uma explicação mais pormenorizada do fenômeno do imperialismo Lenin oferece em *Imperialismo, fase superior do capitalismo* (LENIN, 2013b [1916]), como veremos adiante. Por ora, assinalamos, como o mesmo faz, que "a substituição da livre concorrência pelo monopólio é uma caraterística econômica fundamental, a essência do imperialismo" (LENIN, 2014c [1916], p. 269. Tradução nossa). Ou seja, os processos de acumulação de capital nos países centrais atingem um nível tão elevado que seus proprietários privados são capazes de concentrar e centralizar a produção em grandes corporações empresariais. Esse

grande capital maneja a vida econômica e política de um país, de modo a promover a exportação de capital e repartir o mercado mundial entre as potências capitalistas. O imperialismo é fundamentalmente monopólio.

Lenin (2001 [1917]; 2006 [1914]; 2013a [1916]) destaca o papel dos proprietários privados dos monopólios, a burguesia, e suas relações com o Estado e a guerra. A oligarquia financeira, em suas palavras, ou o que podemos chamar de grande burguesia, exerce forte influência no Estado para que este na dimensão da política externa promova a exportação de capital. Na dimensão da política internacional, os Estados capitalistas centrais dividem o mundo em áreas de exploração e dominação com o intuito de dinamizar seus processos de acumulação e exportação de capital. Contudo, essa partilha do mundo não ocorre sem tensões; ela está perpassada por rivalidades entre as potências capitalistas, as rivalidades interimperialistas. Na análise concreta da I Guerra Mundial, Lenin dá o diagnóstico:

> À cabeça de um grupo de nações beligerantes está a burguesia alemã, que engana a classe operária e as massas trabalhadoras, assegurando-lhes que estão a travar uma guerra pela defesa da pátria, da liberdade e da cultura [...]. Na realidade, a burguesia alemã lançou uma campanha predatória contra a Sérvia, com o objetivo de subjugar este país e de sufocar a revolução nacional dos eslavos do sul, enquanto dirige o essencial das suas forças militares contra países mais livres, a Bélgica e a França, para despojar um concorrente mais rico. [...] À cabeça do outro grupo de nações beligerantes está a burguesia inglesa e francesa, que enganam a classe operária e as massas trabalhadoras, assegurando-lhes que estão a travar uma guerra pela pátria, pela liberdade e pela cultura contra o militarismo e o despotismo da Alemanha. [...] Na realidade, a luta da burguesia inglesa e francesa visa apoderar-se das colónias alemãs e arruinar a nação concorrente, que se distingue pelo seu desenvolvimento econômico mais rápido (LENIN, 2014 [1914], p. 53-54).

As reflexões de Lenin sobre o papel da burguesia mostram a importância que tem a dimensão nacional dos Estados nas relações internacionais. Porém, ele opera em três dimensões, nacional, estatal e internacional, que se condicionam

mutuamente. Nesse sentido, em alusão ao teórico da guerra Carl von Clausewitz, Lenin afirma que "guerra não é mais do que a continuação da política por outros meios; a atual guerra imperialista é a continuação da política imperialista de dois grupos de grandes potências (LENIN, 2013 [1916]. Tradução nossa). Ou de uma maneira mais sintética, podemos dizer que a guerra imperialista é a política da luta de classes dominantes por outros meios.

A obra de Lenin como um todo pode ser lida como um material de tática para a organização do proletariado em direção à superação do modo de produção capitalista. O mesmo ocorre em suas reflexões sobre as relações internacionais ao considerar que a guerra é o momento oportuno para a revolução socialista. "A transformação da atual guerra imperialista em guerra civil é a única palavra de ordem proletária justa [...]" (LENIN, 2014b [1914], p. 61. Tradução nossa). [...] "Os socialistas devem aproveitar a 'crise econômica e política' criada por ela [guerra] para 'apressar a queda da dominação da classe capitalista'" [...] (LENIN, 2014a [1915], p. 206. Tradução nossa). Com as atenções voltadas para o confronto internacional e dadas as divisões entre Estados e classes dominantes, a proposição teórica e política mais significativa (além do combate ao chauvinismo, oportunismo e reformismo) é a tomada do poder pelo proletariado em seus países. De forma coordenada e solidária – o internacionalismo proletário – as diversas insurreições no Estados nacionais transformariam a guerra imperialista em uma guerra civil internacional e construiriam outro modo de produção, com contornos mundiais. O socialismo acabaria com as guerras promovidas pelo capitalismo: o socialismo seria um momento de paz.

Em países onde a revolução burguesa já tinha ocorrido, a revolução socialista estaria na ordem do dia; em países onde a revolução burguesa não avançara, seria preciso dar conta das tarefas democrático-republicanas, ao mesmo tempo em que luta pela revolução socialista igualmente se faria necessária (LENIN, 2014b [1914], p.61). Ainda, em consonância com a luta internacional do proletariado, Lenin (2014b [1914]; 2013a [1916]) saudava a autodeterminação dos povos em direção à separação política. Pois processos de libertação como esses conduziriam à formação de Estados independentes, mais vantajosos para as massas populares e mais adequados para o desenvolvimento econômico (leia-se superação de modos de produção pré-capitalistas). Mas os socialistas deveriam se envolver nas lutas de libertação nacional – antifeudais e anti-imperialistas – para que estas não se estagnassem no capitalismo e pudessem estar dentro do espectro do internacionalismo proletário e do socialismo. Assim Lenin traz à

tona a tese segundo a qual as revoluções socialistas deveriam ocorrer nas formações sociais mais débeis, isto é, onde a estrutura do modo de produção capitalista ainda é frágil.

## 2. Imperialismo: fase superior do capitalismo

Nesse pequeno e consagrado livro, Lenin (2013b [1916]) explica com detalhes o fenômeno do imperialismo, dividindo-a em cinco traços fundamentais: 1) a concentração e centralização do capital em um grau tão elevado de desenvolvimento que cria os monopólios, 2) a fusão ou entrelaçamento do capital bancário com o capital industrial e a criação do chamado capital financeiro e da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, que adquire uma importância enorme na vida econômica de um país; 4) a formação de grandes conglomerados empresariais transnacionais leva à concorrência internacional; e 5) a divisão territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas.

O processo de concentração de capital significa uma mudança no tamanho do capital. Lenin (2013b [1916]) cita a grande crise econômica da década de 1880 como responsável pela passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista. As empresas capitalistas se tornam maiores ao incorporar outras – que é uma tendência da acumulação capitalista –, de modo que seu tamanho aumenta e origina conglomerados empresariais, os monopólios. O processo de centralização de capital é a junção do capital de diferentes funções, como o bancário e o industrial. Lenin avalia que concentração no setor bancário é tão elevada que permite a incorporação de indústrias e consequentemente o surgimento do chamado capital financeiro (grande capital), fusão do capital bancário com o industrial, sob direção o primeiro. O resultado disso é um novo papel dos bancos, que passam a controlar indústrias e são determinantes na vida econômica do país em geral. Ainda, sobre a base do capital financeiro surge a oligarquia financeira (grande burguesia), que além de ter papel determinante na economia, igualmente o tem na política, nas relações com governos e Estado.

> Sobre estreita relação existente entre os bancos e a indústria, é precisamente nessa esfera que se manifesta, talvez com mais evidência do que em qualquer outro lado, o novo papel dos bancos. Quando o banco desconta as letras de uma empresa, abre-lhe

> uma conta corrente, etc., essas operações, consideradas isoladamente, não diminuem em nada a independência da referida empresa, e o banco não desempenha outro papel que não seja de um modesto intermediário. Mas quando essas operações se multiplicam e se convertem em uma prática estabelecida, quando o banco "reúne" nas suas mãos capitais imensos, quando o movimento da conta corrente de uma empresa permitem ao banco – e é assim que acontece – ter a informação mais detalhada e completa sobre a situação econômica do seu cliente, o resultado é que o capitalista industrial depende, cada vez de forma mais completa, do banco (LENIN, 2013b [1916], p. 508-509. Tradução nossa).
>
> A concentração da produção; os monopólios que surge dela; a fusão ou entrelaçamento dos bancos com a indústria: tal é a história do surgimento do capital financeiro e tal é o conteúdo desse conceito. (LENIN, 2013b [1916], p. 513. Tradução nossa)
>
> A "vinculação pessoal" entre os bancos e a indústria se completa com a "vinculação pessoal" entre estes e o governo; "Os cargos nos conselhos de administração – escreve Jeidels – são confiados espontaneamente a personalidades de renome, assim como ex-funcionários públicos, que lhes podem facilitar em grau favorável [!!] as relações com as autoridades [...]. No conselho de administração de um banco importante existem, em geral, algum membro do parlamento ou um conselheiro de Berlim. (LENIN, 2013b [1916], p. 509. Tradução nossa).

É importante destacar as menções de Lenin à classe dominante, a burguesia, e suas relações com o Estado, um tema que é visível igualmente em outra obra de sua autoria, *O Estado e a revolução* (LENIN, 2013c [1917]). Sua poderosa influência nas autoridades estatais viabiliza seus objetivos inclusive na dimensão da política externa e particularmente para exportação de capital. Lenin (LENIN, 2013b [1916]), considera que o que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadorias. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital. "[Na] situação monopolista de uns poucos países ricos nos quais a acumulação de capital alcançou proporções gigantescas[...] surgiu um enorme excedente de capital" (LENIN, 2013b [1916], p. 525. Tradução nossa).

Seja na forma de investimento externo direto, seja na forma de empréstimos, tal excedente tende à expansão para outras regiões, buscando novas formas de valorização. Como ressaltamos na seção anterior, é um processo intrínseco ao capitalismo, à sua expansão mundial. Igualmente mencionado, o desenvolvimento desigual está ligado à exportação de capital, fenômeno que gera relações de dependência e subordinação entre as potências capitalista e a periferia do sistema internacional.

> Enquanto o capitalismo for capitalismo, o excedente de capital não será utilizado para elevar o nível de vida das massas de um país determinado, já que isso significaria a diminuição dos lucros dos capitalistas, mas sim para o aumento desses lucros através da exportação de capitais ao estrangeiro, para os países atrasados. Nestes países atrasados o lucro é em geral elevado, pois os capitais são escassos, o preço da terra é relativamente baixo, os salários são baixos, e as matérias-primas baratas. A possibilidade da exportação de capitais foi dada pela incorporação de uma série de países atrasados ao mercado capitalista mundial; nestes países foram construídas ou estão sendo construídas as principais vias férreas; foram criadas condições elementares para o desenvolvimento industrial, etc. A necessidade da exportação de capitais obedece ao fato de que em alguns países o capitalismo "amadureceu excessivamente" e o capital (dado o atraso da agricultura e a miséria das massas) não encontra campo para investimentos "lucrativos"(LENIN, 2013b [1916], p.525. Tradução nossa).

Todo o processo descrito acima têm um dinâmica de concorrência entras o grande capital das potências capitalistas por novas formas de valorização em regiões do mundo. Os Estados centrais partilham o mundo em regiões que podem explorar e dominar.

> A principal característica da etapa superior do capitalismo é a dominação de associações monopolistas de grandes empresários. Estes monopólios adquirem a máxima solidez quando se apropriam de todas as fontes de matérias-primas, e já vimos com que ardor as associações internacionais de capitalistas se esfor-

> çam para privar seus rivais de toda a possibilidade de concorrência, ao adquirir, por exemplo, as terras que contêm minério de ferro, os jazigos de petróleo, etc. (LENIN, 2013b [1916], p.540. Tradução nossa).

Não é uma partilha pacífica, muito pelo contrário. A concorrência entre Estados capitalistas e seus monopólios, que se estende por todo o globo, também é uma disputa política. Mesmo que existam alianças e tréguas, a disputa tende ao conflito, isto é, à guerra entre as potências. Para Lenin o imperialismo leva à guerra. Portanto, uma teoria leninista das Relações Internacionais passa pela possibilidade constante ou presença de conflitos interimperialistas, de guerras interimperialistas.

Em suma, a definição e os traços fundamentais do fenômeno do imperialismo são:

> Se fosse necessário dar uma definição o mais breve possível do imperialismo, deveríamos dizer que o imperialismo é a etapa monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o mais importante pois, por um lado, o capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas fundido com o capital das associações monopolistas de industriais, e, por outro lado, a partilha do mundo é a transição da política colonial que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por nenhuma potência capitalista para a política colonial de dominação monopolista do mundo, já inteiramente repartido (LENIN, 2013b [1916], p. 545. Tradução nossa).
>
> Devemos dar uma definição de imperialismo que inclua cinco de seus traços fundamentais seguintes: 1) a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse capital "financeiro" da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si; e 5) o

> resultado de partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes. O imperialismo é o capitalismo na etapa de desenvolvimento que estabelece a dominação dos monopólios e do capital financeiro; em que adquiriu marcada importância a exportação de capitais; em que começa a partilha do mundo pelos trusts internacionais; em que culminou na partilha de todos os territórios do planeta entre as maiores potências capitalistas (LENIN, 2013b [1916], p.545. Tradução nossa).

A definição e os traços fundamentais do imperialismo feitas por Lenin não são consensuais, pelo menos na época em que escreve, no interior do Marxismo e, ainda, promovem um grande debate intelectual com pensadores/as e militantes como Nicolai Bukharin, Rosa Luxemburgo, Leon Trostky, entre outros. O debate central, na nossa avaliação, dá-se com líder da socialdemocracia alemã Karl Kautsky. É um debate que se estende por décadas, até hoje, com sucessores e novos adeptos das posições discordantes de Lenin e Kautsky. Inclusive, é um debate levantado por Lenin na maioria dos artigos e livros de referência deste artigo, para denunciar o socialchauvinismo, o oportunismo e o reformismo. Kautsky acredita que o imperialismo tem origem no descompasso entre o atraso da agricultura e as necessidades da indústria. Assim os capitalistas promovem uma busca externa por suprimentos, como forma de política externa dos Estados. Essa política poderia ser alteradas quando os capitalistas percebessem as desvantagens da guerra para a acumulação e exportação do capital. Deste modo, os Estados formariam uma federação de potências capitalistas e entrariam em um acordo de paz para dividir o mundo em zonas exclusivas para cada um, sem interferências e rivalidades, formando o chamado ultra-imperialismo. Neste momento de estabilidade nas relações internacionais, a luta pelo socialismo via lutas parlamentares, reformistas e pacíficas seria o caminho para superação do modo de produção capitalista. Lenin, como vimos na seção anterior, tinha outra proposição teórica e política.

## Conclusão

Um resumo em cinco pontos do que foi exposto:

1. O capitalismo é um modo de produção expansivo que cria um desenvolvimento desigual e combinado entre países, gerando um centro de-

senvolvido (países do Norte-Global) e uma periferia explorada e dominada (Sul-Global).

2. O desenvolvimento do capitalismo no Norte-Global atinge um ponto elevado – concentração e centralização do capital – que permite a constituição de grandes conglomerados empresariais, os monopólios. Os proprietários privados dessas grandes empresas capitalistas impulsionam como novas formas de valorização do capital a exportação do capital, além das fronteiras nacionais. Essa é a essência do fenômeno do imperialismo
3. A grande burguesia conta com os Estados nacionais/potências capitalistas para impulsionar a exportação de capital, entrando em uma dinâmica de concorrência internacional entre o grande capital de diferentes origens nacionais. As potências capitalistas dividem o mundo para explorá-lo e dominá-lo.
4. O imperialismo leva à guerra: a concorrência econômica está intimamente ligada a disputas políticas que se tornam confrontos bélicos de grandes proporções. A guerra interimperialista é inerente ao modo de produção capitalista.
5. Assim como a lutas antiimperialistas na periferia do sistema, a guerra é uma oportunidade de transformar o confronto interimperialista em uma guerra civil internacional, com a tomada do poder pelo proletariado em diferentes países, sob a bandeira do internacionalismo proletário. A paz somente poderia ser alcançada em um modo de produção sem divisão de classes sociais.

Eis aqui uma sistematização básica de uma teoria leniniana para as Relações Internacionais, que deve fundamentar toda e qualquer teorização e análise marxista na área.

RECEBIDO em 12/05/2024
APROVADO em 23/06/2024

## Referências

LENIN, Vladimir. El Estado y la revolución. In: FEIJOO, C. y PAREDES, D. (comp.). **Obras selectas**, vol. 2. Buenos Aires: Ediciones IPS, [1917] 2013c.

LENIN, Vladimir. El imperialismo y la escisión del socialismo. In: ITURIBE, G. (comp.). **Marxistas en la Primera Guerra Mundial**. Buenos Aires: Ediciones IPS, [1916] 2014c.

LENIN, Vladimir. El imperialismo, etapa superior del capitalismo. In: FEIJOO, C. y PAREDES, D. (comp.). **Obras selectas**, vol. 1. Buenos Aires: Ediciones IPS, [1916] 2013b.

LENIN, Vladimir. **El llamado problema de los mercados**. [1893] 2013d. Disponível em: https://www. marxists.org/espanol/lenin/obras/1893/probmerca/index.htm. Acesso em: novembro de 2023.

LENIN, Vladimir. El programa militar de la revolución proletária. In: FEIJOO, C. y PAREDES, D. (comp.). **Obras selectas**, vol. 1. Buenos Aires: Ediciones IPS, [1916] 2013a.

LENIN, Vladimir. El socialismo y la guerra. In: ITURIBE, G. (comp**.) Marxistas en la Primera Guerra Mundial**. Buenos Aires: Ediciones IPS, [1915] 2014a.

LENIN, Vladimir. La guerra y la socialdemocracia de Russia. In: ITURIBE, G. (comp.). **Marxistas en la Primera Guerra Mundial**. Buenos Aires: Ediciones IPS, [1914] 2014b.

LENIN, Vladimir. **Los nuevos cambios económicos en la vida campesina (a propósito del libro de V. E. Póstnikov "La explotación agrícola en el sur de Rusia"**, [1893] 2012. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1893/001.htm . Acesso em: novembro de 2023.

LENIN, Vladimir. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril Cultural (Os economistas), [1899] 1982.

LENIN, Vladimir. **Pacifismo burgues y pacifismo socialista**, [1914] 2006. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1910s/1917paci.htm. Acesso: novembro de 2023.

LENIN, Vladimir**. Para una caracterización del romanticismo económico (Sismondi y nuestros sismondistas nacionales)**, [1897] 2014d. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1897/romanticismo-economico.htm. Acesso em: novembro de 2023.

LENIN, Vladimir. **Sobre o direto das nações à autodeterminação**, [1917] 2001. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/auto/index.htm. Acesso: novembro de 2023.